



*Silva del.*

*de J. de M. de M. de M.*

D. MARIA II.

Rainha de Portugal.

Engraving of the Queen's portrait by Silva del.

1828 - Rua do Regoal de Baixo - 10

Engraving of the Queen's portrait by Silva del.

# ILLUSTRAÇÃO POPULAR

PROPRIETARIO, DOMINGOS FRANCISCO LOPES

NUMERO 25

DIRECTOR LITTERARIO, FRANCISCO DUARTE DE ALMEIDA ARAUJO

ANNO 1866

FOLHA DEDICADA AO RECREIO E INSTRUCCÃO

Administração

Escritorio da redacção

Na Lithographia, rua Nova dos Martyres,  
n.ºs 2 e 4

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Preços

|  |     |
|--|-----|
| Por 48 numeros.....                              | 960 |
| » 24 » .....                                     | 480 |
| » 12 » .....                                     | 240 |
| Avulso .....                                     | 30  |
| Nas provincias accresce o custo das estampilhas. |     |

## A SENHORA DONA MARIA SEGUNDA

RAINHA DE PORTUGAL

Curto foi o reinado d'esta soberana — porquanto não excedeu a 19 annos — mas fertil de memoraveis acontecimentos, que deixaram nas paginas da nossa historia indelevel memoria, gravada pelo ferro das facções politicas, e escriptas com o sangue de milhares de irmãos nascidos n'este berço de Portugal, e que porisso, senão pelos laços tambem da humanidade e da religião, deviam amar-se, e apertar-se em estreito amplexo para a felicidade d'esta patria commum, que tanto padeceu, e tanto ainda hoje sangra d'aquellas desavenças, e guerras civis que então se seguiram. A innocente Rainha, não por culpa ou influencias suas, passou sobre a terra um reinado bem trabalhoso. Foi martyr da realesa; a sua vida uma continua provação; e hoje na gloria immortal a que foi ascendida cinge a triplice corôa de filha, esposa, e mãe, extremosa sempre, sempre dedicada a esses doces affectos de alma, que lhe foram na terra as unicas alegrias, e ephemerás compensações das longas quadras de provado martyrio que quasi constantemente lhe pungiram sua nobre e santa alma.

A Senhora Dona Maria da Gloria tinha nascido no Rio de Janeiro em 4 de abril de 1819, recebendo o titulo de princesa da Beira, por ser a primogenita do então principe real o Senhor Dom Pedro IV, herdeiro da corôa portugueza, quando Deos chamasse a si o bondoso monarcha, o Senhor Dom João VI. Os funestos acontecimentos da invasão franceza em Portugal tinham obrigado a familia real portugueza, e a côrte, a emigrar para o Brazil, tendo logar seu embarque no dia 27 de novembro de 1807. Foi n'essa possessão portugueza, e em época que a sua independencia nem se suscitara, nem se reconhecera, que esta princesa nasceu. Causa maior e excepcional tinha obrigado a Rainha Dona Maria I, sua visavó, e a restante familia real a emigrarem para o Novo Mundo; causa não prevista na lei do Estado, que então regia.

Reconhecida a independencia do Brazil, e trocando o principe Dom Pedro a corôa de Rei de Portugal pela de Imperador d'aquella região, depunha n'esse acto nas mãos de sua filha primogenita o sceptro a que renunciava. O infausto acontecimento da morte d'El-Rei Dom João VI em o dia 10 de março de 1826, collocando a côroa portugueza na cabeça do filho primogenito, entregava-lhe o governo do reino em que nascera; e logo em 26 de abril o Senhor Dom Pedro, que na ordem da successão dos reis de Portugal tomara o titulo de IV, confirmava a regencia de Portugal, nomeada por seu pae, auctorizando-a a continuar nas suas funcções, até á installação da regencia designada pela futura lei do Estado. Outro decreto, datado de 27 do mesmo mez concedeu uma amnistia geral a todos os delictos politicos; e a 29 outro acto de soberania outhorgou a Carta Constitucional da monarchia portugueza; chegando, porfim, o dia 2 de maio, em que o Senhor Dom Pedro IV abdicou a corôa em favor de sua filha a Senhora Dona Maria da Gloria, declarando o Imperador que ella não sabiria do Brazil sem a Carta Constitucional estar jurada em Portugal, e realisado o casamento da nova Rainha com o Senhor Dom Miguel de Bra-

gança, a quem o Imperador a destinava para esposa, e que era irmão do outhorgante. Estes decretos foram comunicados officialmente á nação em o dia 13 de julho de 1826. A 31 de julho foi jurada em Portugal a Carta Constitucional, quando já estava soffocado o brado que a familia do general Silveira, e seus adherentes tinham soltado na provincia de Traz-os-Montes, proclamando Rei ao Senhor Dom Miguel de Bragança; repressão que muito se deveu á intelligencia e tactica do general, hoje duque de Saldanha, que prendeu alguns dos chefes rebeldes, e obrigou outros a emigrar para Hespanha. Esta potencia não deixou então, e nos annos que posteriormente se seguiram, de actuar sobre os acontecimentos de Portugal; acontecimentos que deixamos de parte, por não comportar á brevidade d'esta biographia o narral os detalhadamente.

O Senhor Dom Miguel de Bragança vivia então relirado em Vienna d'Austria. O marquez de Resende, embaixador do Brazil n'aquella côrte, era o encarregado de fixar os destinos de Portugal, e servir de intermedio ás relações que se estreitavam entre os Senhores Dom Pedro e Dom Miguel de Bragança. A côrte de Austria, onde este ultimo havia contrahido estreitas relações, pôz em campo sua politica para favorecer as pretensões do Senhor Dom Miguel — politica a que a Inglaterra e a França então adheriram — e propoz ao Senhor Dom Pedro: — uma abdicção sem condições; a nomeação immediata do Senhor Dom Miguel de Bragança para a regencia, com o titulo de seu Logar-Tenente. — Seguiram-se varias notas e correspondencias diplomaticas sobre o casamento, que se não levou então a effeito pela falta de nubilidade da Senhora Dona Maria II. Vencidas todas as difficuldades, o Senhor Dom Miguel de Bragança partiu em 27 de dezembro para Paris; d'ahi seguiu para Londres, onde se assignou o protocollo entre as côrtes de Inglaterra, Austria e Portugal, consignando-se os desejos dos respectivos soberanos para a abdicção do Senhor Dom Pedro IV, ser feita com a possivel brevidade, e sem restricções. De Londres partiu o Senhor Dom Miguel para Lisboa, onde chegou a 22 de fevereiro d'aquelle mesmo anno de 1828; e a 11 de julho, por via de successos que n'outra parte narraremos, estava já o Senhor Dom Miguel de Bragança aclamado Rei, contestando assim a seu irmão e sobrinha o direito á corôa de Portugal; direito que por alguns bravos foi infructuosamente sustentado então na cidade do Porto, e de um modo heroico, e jámais excedido, na ilha Terceira, onde o estandarte constitucional nunca deixou de tremular, não se reconhecendo ahi o Senhor Dom Miguel de Bragança como Rei, nem pelo direito divino, nem pelo voto livre da nação.

Estes acontecimentos de Portugal não tinham, porém, chegado ao conhecimento da côrte do Brazil, quando o Imperador Dom Pedro resolveu enviar sua augusta filha á Europa, para completar na Austria, e no palacio do Imperador seu avô materno, a sua educação. A Rainha partiu do Rio de Janeiro a 5 de julho de 1828; e a 3 de setembro chegou a Gilbraltar, onde o marquez de Barbacena, tendo conhecimento do que se passava em Portugal, resolveu conduzir Sua Magestade a Inglaterra, receiando que na Austria não estivesse em segurança o augusto deposito que á sua guarda se confiara.

(Continúa.)

## A MADONA DEL FUOCO

ROMANCE

I

Entre Faenza e Forli, na margem esquerda do Amone, havia no meado do século 17.º uma casinha branca, habitada por um velho fidalgo de Napoles, exilado pelo governo hespanhol. Chamava-se André Policeni, e vivia só com sua filha Pia, angelica creatura de dezeseis annos. Por um sentimento facil de comprehender na alma de um proscripto, e para ter constantemente presentes as gratas recordações da patria, baptisara a modesta habitação, com o nome de *villa Portici*.

A *villa Portici* compunha-se de tres quartos: o quarto do velho napolitano, o de Pia, e o quarto do pintor.

Carlo Spadone, pobre pintor de Forli, vinha effectivamente visitar a *villa* todas as semanas. Era um homem de trinta annos, bello ainda, e de phisionomia insinuante. Quem o visse caminhar, soberbo e altivo, com um chapéu de abas largas, cuja pluma outr'ora preta, estava agora branca, como a barba de um velho; quem o visse com o seu gibão já russado, mas cuidadosamente escovado, dizia por certo, que o homem que assim se apresentava, havia já trajado, sem duvida, sumptuosos vestidos.

Fora lhe destinado um quarto na pequena casinha e o velho Policeni, permittiu-lhe que considerasse Pia como sua noiva.

Passou-se um anno, e Carlo continuava pobre, e desconhecido.

Carlo ensinava a ler Pia, em um formoso missal, enriquecido de esplendidos arabescos, nos quaes a gentil menina julgava reconhecer os toques delicados, mas vigorosos do noivo. Estes ornatos, não eram porém obra sua; segundo elle dizia, haviam sido executados por Carlo Cignani, celebre pintor de Bolonha, que lhe consagrava, a elle, pobre artista a affeição compativel com a differença dos seus talentos.

O nome de Cignani tinha a particularidade de revolucionar sempre o cerebro do velho napolitano

Policeni era bom, mas era pae, e qual é o pae que não é ambicioso para os filhos? Comsigo mesmo estabelecia o velho uma triste comparação entre Carlo Cignani, o illustre pintor, nomeado por Sua Santidade, Clemente xi, cavalleiro da Espora d'Ouro, e principe da Academia de Bolonha; Cignani, em uma palavra, o amigo dos reis, o digno herdeiro d'Albano, o sustentaculo da gloria dos Carrache, e Carlo Spadone, pintor obscuro, e artista indigente e desconhecido.

— Porque é um, e não o outro, o noivo de minha filha? perguntava a si mesmo, com amargura.

Esta idéa, comtudo, tinha menos visos de loucura do que os leitores podem imaginar.

Carlo Cignani, achava-se tambem em Forli, havia dois annos, onde pintava o seu admiravel quadro da *Assumpção* em Nossa Senhora *del Fuoco*.

Por mais de uma vez, o pae e a filha tiveram occasião de ver o brilhante cortejo com que sahia, e passeiava pelas margens do Amone. O velho proscripto lembrava-se mais que um dia alguns cavalleiros se destacaram da comitiva, e vieram bater á porta da *villa*. Entre elles havia um senhor de nobre apparencia, talvez o proprio Carlo Cignani, que, vendo a Pia, soltou um grito de admiração, e lançou mão da palheta.

— Desenha este anjo, Carlotto, disse um dos companheiros; conheço alguém que necessita de um modello para uma cabeça da virgem.

Carlotto, avançou para Pia, complimentou-a cortezmente e pediu-lhe licença para tirar-lhe o retrato.

— A vontade, senhor, á vontade! exclamou Policeni, com transporte; será para ella uma grande honra servir de modello a vossa excellencia

Acabado o esboceto, Carlotto e os companheiros retiraram se, e não mais se ouviu fallar de Cignani, na *villa*. Em compensação, fallava-se muito d'elle em Forli, Bolonha, Roma, Napoles, Florença, e em toda a Italia. O assumpto de todas as conversações, era a cupula de Nossa Senhora *del Fuoco*, e até vinham de paizes estrangeiros admirar esse primor de arte. A virgem, sobretudo, primava pela execução;

era assim que devia de ter sido de entre todas as mulheres a escolhida para ser mãe do Christo.

Mas, em quanto fallamos de Cignani, como se elle fosse o nosso heroe, o nosso verdadeiro protagonista, o obscuro Carlo Spadone chegava uma tarde á *villa Portici*, e empravava o velho napolitano a cumprir a sua promessa, dando-lhe a mão de Pia.

O velho hesitou ao principio, tão arreigadas tinha as loucas idéas de gloria e de riqueza; mas, reconsiderando logo em seguida, soltou um profundo suspiro e foi buscar a filha. Pia exultou de alegria, e prometeu á Virgem Maria uma linda corôa de flores, porque Pia amava Carlo.

André Policeni, e Spadone, partiram para Forli afim de tratarem dos preparativos do casamento.

— Meu filho, disse o velho, tenho grandes desejos de ver a obra d'esse grande pintor, cujo nome todos exaltam. Vamos a Nossa Senhora *del Fuoco*.

Spadone guiou-o em silencio para a capella.

Apenas o velho lançou os olhos para a pintura, fez-se pallido, e apertou com força, a mão do seu futuro genro.

— Bem m'õ dizia o coração! murmurou elle com alegria. Depois apontando para a Virgem que remontava ao ceu, acrescentou:

— Olha!

— E' Pia! balbuciou Spadone abaixando a cabeça.

— E' Pia! repetiu Policeni.

E ficou callado por algum tempo.

Sairam da igreja, Spadone estava triste, e olhava ás escondidas para o velho.

— Não vamos comprar o veu da noiva? perguntou elle.

Policeni pareceu despertar de um sonho.

— Noiva! disse elle; — de quem?... Ah! sim; agora me lembro... Mais tarde meu filho; já estou velho, e não posso dar grandes caminhadas.

Spadone e André entraram em uma taberna, e procuraram logares. O velho assentou-se, metteu a cabeça entre as mãos, e entregou-se a profunda meditação.

— Ouve! disse elle a Spadone, endireitando-se de repente sobre o banco.

O nome de Cignani havia sido pronunciado por alguns dos circumstantes.

— Permitta Deos que Pia se não assemelhe a seu pae! murmurou Spadone, que lia no fundo do coração do velho. Os convivas da taberna continuavam occupando-se do grande pintor.

— Namorado! dizia um, póde muito bem ser; mas de quem?

— Ah! é que está o segredo! ninguem o sabe?...

— Pois sei o eu... Vocês bem veem que aquella virgem é o retrato vivo de uma rapariga...

— Ah! Ah! gritou a assembléa.

— Ouves? murmurou Policeni ao ouvido de Spadone.

— Ouço, respondeu este.

— Cignani ama minha filha.

— E que lhe importa?

— O que me importa! exclamou o velho com delirante alegria; elle ama-a! Pia poderia ser sua mulher!

— E é a mim que diz isso! disse Spadone com friesa.

— A ti!... pobre Carlo!... E' verdade, tinha-me esquecido... has tu quere lhe muito, para servires de obstaculo á sua felicidade, para lhe cortar um brilhante futuro de gloria, e de riqueza, não é assim? Carlo, Carlo, tem com paixão de mim!

— Tenho, por certo, André Policeni.

— Oh! é que esta idéa torna-me insensato! replicou o velho. Se tu quizesse, se tu quizesse?...

— Não se atreve a acabar?

— Tu conheces o illustre Cignani, não é verdade?

— Como um artista indigente póde conhecer um favorecido da fortuna.

— Podes ir ter com elle...

— Irei ter com elle.

— Vais! exclamou o velho, levando aos labios a mão de Spadone. Tu vais?... Agora é que vejo que és o meu filho querido... Vê, Carlo, vê como choro, e tremo! Obrigado, obrigado meu Carlo!... Mas que lhe dirás tu, generoso Spadone?

— O que basta para decidil-o, a que venha pedir-lhe a mão de sua filha. E se Pia consentir...

— Duvidas! interrompeu o velho. Pia ama-me, e sabe quanto ambicioso vê-a feliz.

E. 2050 V.

— Tambem me ama ! murmurou Spadone.  
— Sem duvida, meu filho, sem duvida. Mas vae, parte a encontrar-te com Cignani. Esperarei por ti n'este mesmo logar.  
Spadone saíu. (Continúa.) A. S.

**O PRESO**

Opresso viu-se um dia, e entre ferros Gemeu, por mezes, triste e desditoso Um infeliz, que só por crime tinha — E se crime é — ser pouco fortunoso !

Exemplos d'estes raros conta a historia ; Raros sendo, comtudo, já se hão dado : Uns, pela vil intriga entertecidos ; Outros, pela negra sina — triste fado.

Exulta a inveja — a innocencia geme — Pranteia em casos laes a humanidade ; Pois bem triste é viver em grades preso, E sequestrado ao bem da liberdade !

Viver !... Não disse bem... E' morte lenta Que, dia a dia, vae sendo addiada, Pela tortura mais atroz sentida, E pela desp'rança mais penada.

Lembram amigos que d'ali estão longe E bem se pesa então doce amisade ; Lembra a familia ; lembram seus afagos ; E mais funda se curle esta saudade !

As docuras do lar vem á memoria P'ra mais funda pungir a desp'rança : Em revolta procella jaz-lhe a alma ; Tempestade continua, sem bonança !

Entre grades só vé ao longe o mundo, Ao qual pertence, mas no qual não vive ; Jaz encerrado qual em negro tum'lo ; E' justo, pois, que o mundo se lhe esquite !

Volve os olhos ao ceu, e vendo o astro Que Deos creou p'ra efluvios de alegria, Um raio pede a penetrar-lhe o encerro Dando-lhe á noite da alma a luz do dia !

E parece que até o sol lhe foge. Que pelas grades entra esquivo, e a furto, A mostrar da prisão medonho aspecto, N'um tremulo lampejo, breve, e curto.

A' lua, que dos tristes é consocia Pede um palor, e ella lh'o recusa ; Pois se entre grades foi fulgir momentos, D'esta negra prisão breve se escusa !

Pede ás auras que vão a bafejar-lhe Aquella ardencia que tanto o atrophia : As auras fogem, como espavoridas, A buscar nos espaços a alegria !

Tal é do preso a sorte — tal a sina, Se por delicto algum vive penado : Mas se innocente está, e jaz em ferros, Inda mais tal horror é duplicado.

Não cré nos homens, que lhe são injustos ; Quasi descré de Deos que o desampara ; Julga-se morto inda sentindo a vida, Que dôr bem funda assim o escruciera !

Valéra mais não vir á luz do mundo Que para tal tormento ser nascido : Morre-lhe a alma nos braços da agonia ; E' p'ra terra, e p'ra os ceus um ser perdido !...

FRANCISCO DUARTE DE ALMEIDA ARAUJO.

**SANTUARIO DO BOM JESUS DO MONTE (BRAGA)**

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE)

SEGUNDO LANÇO

Fonte do sentido do ouvir

E' representada esta fonte por uma figura á semelhança da primeira, lançando pelos ouvidos duas correntes de agua, e com tres cabeças de touro por debaixo.

A estatua superior é a d'um mancebo na acção de tocar uma cithara, e com a inscripção :

« Iudithun Qui in cithara prophetabat super confitentes et laudantes dominum, 1 paral. c. 25. v. 3. »

« Que cantava ao som da cithara, presidindo aos que cantavam e louvavam ao Senhor. »

Do norte corresponde-lhe a estatua de David, com manto real, diadema na cabeça, cabello solto em aneis, tomando no braço esquerdo parte do manto, e na acção de tocar em uma harpa ; e com a inscripção :

« David. Auditui meo davis gaudium et letitiam. Psalm. 50 »

« Vós me dareis a ouvir, o que me encherá de gosto, e alegria. »

Do sul corresponde-lhe a estatua de uma mulher com semblante animado, plumas na cabeça, na acção de tocar em uma lyra. Representa a Esposa dos Cantares, figura da Santa Igreja ou da alma Christã, e tem a inscripção :

« Esposa dos Cantares. Sonet vox tua in auribus meis. Cant. 2. »

« Soe a tua voz nos meus ouvidos. »

(Continúa.)

O SABOR. — E' a propriedade que possuem certas substancias para impressionar o orgão do paladar. Ha corpos desprovidos de tal qualidade, e porisso se denominam *insipidos*. O sabor não é menos variado e numeroso do que o cheiro ; e, portanto, é tão difficil como este de o classificar. Ignora-se a causal de suas differenças ; mas sabe-se que os corpós que se não podem dissolver na saliva, não tem sabor ; não suscitam na lingua, bem como em qualquer outra membrana mucosa, mais do que a sensação do tacto. — O *gosto* dá logar a tres grãos de sensação : a *directa*, a *completa*, e a *reflectida*. Quem come um alperce, sente primeiro, ao mettê-lo na bocca, uma sensação de frescura e de acido, que o convida a continuar na mastigação ; porém só na occasião em que o alperce passa na bocca por baixo das fossas nasaes, é que o perfume se revella. Depois de engolido, é que uma pessoa exclama : — Como é saboroso ! ou delicioso ! — Da mesma fórma, quando se bebe vinho, só depois de o engolir é que o bebedor, julgando pela sensação que acaba de experimentar, diz — *Que nectar !!!*... ou : Que carrascão !

LEIS CONTRA OS EMBRIAGADOS. — Em S. Petersburgo, qualquer pessoa encontrada em estado de embriaguez é obrigada a varrer as ruas durante certo numero de horas. Na maior parte dos paizes do norte, Dinamarca, Suecia e Noruega, os embriagados são corrigidos com multas e varias condemnações. Se acaso se desculpam nos tribunaes dizendo que pelo triste estado em que estavam não tinham conhecimento das más acções praticadas, essa atenuante de nada lhes serve, pois são mesmo condemnados por se terem embriagado. Em Inglaterra e na America ingleza ha sociedades de temperança afim de corrigir tal vicio. que degrada o homem a ponto de o tornar alvo dos apupos da multidão, e do menospreso d'aquelles com quem trata. O bebado perde o credito e a reputação, que nunca mais se adquire se acaso se não corrige

FENO E CARNE. — Cem kilogrammas de feno comidas por um animal, produzem, medianamente, cinco kilogrammas de carne.

ncb 841982

